

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

CONCERTO MANVIA

Leopold Hager *cravo e direcção musical*

Martin Gabriel *oboé*

19 Mai 2017

21:00 Sala Suggia

1ª PARTE

Joseph Haydn

Sinfonia n.º 60, *O Distraído* (1774; c. 28min)

1. *Adagio – Allegro di molto*
2. *Andante*
3. *Menuetto – Trio*
4. *Presto*
5. *Adagio (di Lamentatione)*
6. *Finale: Prestissimo*

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para oboé e orquestra

em Dó maior, KV 314 (1777; c. 21min)

1. *Allegro aperto*
2. *Adagio ma non troppo*
3. *Rondo: Allegretto*

2ª PARTE

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 8 em Fá maior, op. 93

(1812; c. 26min)

1. *Allegro vivace e con brio*
2. *Allegretto scherzando*
3. *Tempo di menuetto*
4. *Allegro vivace*



casa da música

 manvia

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA



Joseph Haydn

ROHRAU (ÁUSTRIA), 31 DE MARÇO DE 1732

VIENA, 31 DE MAIO DE 1809

Nascido numa pequena vila austríaca, Franz Joseph Haydn foi enviado, aos 6 anos, para viver com um familiar, professor e mestre de coro numa vila não muito distante. Aí terá sido descoberto pelo mestre da Catedral de Santo Estevão de Viena, que procurava novos meninos de coro. O jovem Haydn para lá foi estudar e trabalhar nos anos seguintes, até a sua voz ter atingido a maturidade, altura em que foi despedido. Ao perder o seu ganha-pão e fonte de aprendizagem, dedica-se ao estudo caseiro de contraponto através dos escritos de Johann Joseph Fux e Carl Philipp Emanuel Bach. Gradualmente vai-se fazendo compositor em regime de mecenato, até chegar ao serviço dos príncipes húngaros Esterházy. Na última década do século XVIII, Haydn aceita uma lucrativa oferta para visitar Londres e apresentar novas sinfonias com um grande efectivo orquestral, que nunca tinha tido à disposição com os Esterházy e lhe permite novos recursos composicionais. De regresso a Viena, é uma celebridade ainda maior do que quando tinha saído. É geralmente a Haydn que se atribui a paternidade dos quartetos de cordas, bem como a cristalização da sinfonia enquanto género musical. Capaz de desenvolver com mestria pequenos motivos e/ou frases, Haydn é um dos compositores mais prolíficos do período clássico, tendo-nos deixado 104 sinfonias completas, 67 quartetos de corda completos e 16 óperas.

Sinfonia n.º 60, *O Distraído*

Composta como música de cena para a versão germânica da comédia francesa *Le Distrait*, de Jean-François Regnard, estreada na corte dos Esterházy no Verão de 1774, esta sinfonia ganha por isso o nome de *O Distraído*. E é por ter sido a única obra de cena de Haydn que quebra algumas das regras da sinfonia clássica, que ele próprio cristalizara. Por exemplo, em vez de três ou quatro andamentos, tem seis: a abertura, quatro entreactos e o final. E será também esta a razão pela qual a música desta sinfonia é tão expressiva: conseguimos perceber mal-entendidos, absurdos, enganos e piadas através apenas daquilo que ouvimos. Porém, seja nas fanfarras militares ou nas melodias populares francesas, seja nos temas gregorianos ou nas interrupções e nas modulações repentinas, o carácter melódico e sagaz de Haydn está sempre presente.

Na altura em que foi estreada, a Sinfonia tornou-se bastante popular, mas Haydn, possivelmente assolado pelo distanciamento temporal que leva quem cria a reapreciar o que faz, referiu-se décadas mais tarde à sinfonia como “aquela velha panqueca” – o que não significa que tivesse perdido orgulho nela, poderá ter sido apenas o seu sentido de humor manifestando-se.

Após uma breve introdução, explode uma fanfarra majestosa (em forma-sonata), que de seguida se perde numa secção assinalada como *perdendosi* (morrendo) e que é associada ao carácter aluado de uma das personagens principais da peça, o distraído Monsieur Léandre.

No segundo andamento, o diálogo que Haydn compôs entre as delicadas cordas e as intrusivas madeiras remete-nos para o *flirt* entre a jovem Isabelle e o galante soldado (Chevalier). Este andamento caracteriza-se por

um lirismo quase schubertiano, que inclui referências a uma dança popular francesa.

Segue-se um minuetto clássico, que é interrompido pela referência ao surgimento do distraído (Leáandre) quando uma nova linha melódica vagueia, subindo e descendo, como que procurando algo, até regressar o minuetto cortês.

O facto de o quarto andamento soar a uma perseguição parece ser uma alusão à tentativa de conquista da sogra pela parte do Chevalier, interrompida por um final rápido que será o momento em que Clarice encontra Isabelle escondida no quarto de Leáandre.

Um *Adagio di Lamentatione* é interrompido por uma breve fanfarra (é a primeira vez que Haydn introduz tímpanos e trompetes num andamento lento – só o repetirá na 88ª sinfonia) que murcha lentamente até ser retomado o *Adagio*, terminando num *accelerando* constante.

Já o último andamento traz consigo a maior piada musical de todas, que de novo acompanha o que acontece em cena: o distraído Leáandre, já depois dos dramas resolvidos, esquece-se do seu próprio casamento! Haydn faz com que a música pare por completo e as cordas afinem os seus instrumentos, como se também na orquestra tivesse havido uma distração.

Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 27 DE JANEIRO DE 1756

VIENA, 5 DE DEZEMBRO DE 1791

Natural de Salzburgo, Wolfgang Amadeus Mozart é o paradigma do criador-génio: criança prodígio, multi-instrumentista, prolífico compositor, e precocemente falecido, aos 35 anos. Deixou mais de 600 obras, grande parte das quais repertório canónico da música erudita de tradição europeia: óperas, sinfonias, obras corais – compôs todos os géneros musicais existentes no seu tempo.

Apesar de ter vivido a maior parte da sua vida na Áustria, essencialmente em Viena, Mozart realizou numerosas viagens Europa fora, desde criança, sempre com fins profissionais. O seu talento não pode ser dissociado do contexto em que cresceu, no seio de uma família algo privilegiada, filho de um músico que, cedo se apercebendo do talento da filha e do filho, rapidamente preferiu a menina, destinada a ser esposa e mãe, para investir no menino, que viria a ser mais do que ganha-pão e ganha-fama, um dos “maiores compositores de todos os tempos”.

A música de Mozart é, não podemos evitá-lo, o epíteto do Classicismo: o equilíbrio, a pureza da forma, as linhas melódicas, as dinâmicas quase encantatórias. Pelo meio, o virtuosismo: do compositor, sempre, e do instrumento solista ou da voz explorando os seus limites (referência à Rainha da Noite de *A Flauta Mágica*) – reminiscências dos mestres do Barroco Bach e Handel.

Concerto para oboé e orquestra em Dó maior, KV 314

Este é o único concerto para oboé que Mozart escreveu e um dos *standards* do repertório deste instrumento. Datado de 1777, em honra do seu amigo oboísta Giuseppe Ferlendis (1755-1802), Wolfgang reescreveu-o em 1778 como concerto para flauta. A versão original para oboé perdeu-se e foi preciso chegar-se a 1920 para o compositor e musicólogo Bernhard Paumgartner (1887-1971) descobrir as partituras do concerto original em Salzburgo. Este foi editado em 1948, mas ainda hoje é executada também a versão para flauta (Concerto para flauta n.º 2 em Ré maior).

O primeiro andamento é chamado *aperto* (aberto), que será um *allegro* ligeiramente mais rápido do que o habitual. Neste andamento, depois da introdução orquestral, o oboé traz-nos o tema principal que depois é apresentado em diálogo entre o oboé e a orquestra.

No segundo andamento o oboé é a estrela. O solo do oboé é melodioso e lembra uma ária operática de uma jovem soprano, com as suas frases incrivelmente belas e com princípio, meio e fim brilhantemente conduzidos.

O último andamento, em forma rondó, é composto por diálogos entre oboé e orquestra, tal como no primeiro andamento, mas apresenta-nos também materiais que Mozart reutilizará cinco anos mais tarde, numa ária (“Welche Wonne, welche Lust”) do segundo acto da ópera *O Rapto do Serralho*. Apesar de a linha do oboé ser menos explícita do que a ária, a mensagem é de alegria.

Ludwig van Beethoven

BONA, 16 DE DEZEMBRO DE 1770

VIENA, 26 DE MARÇO DE 1827

Ludwig van Beethoven, o terceiro representante da I Escola de Viena – após Haydn e Mozart –, foi quem começou a abrir caminho para o novo movimento estético: o Romantismo. Natural de Bona, muda-se aos 21 anos para Viena, onde reside até falecer. Nascido numa família de músicos, foi o pai quem o iniciou na aprendizagem musical, tentando fazer dele um prodígio à força. Os registos da violência sofrida por Beethoven enquanto criança sempre levaram a especulações sobre a sua personalidade e mesmo sobre a origem da sua surdez. A sua vida pessoal é marcada pela surdez precoce (primeiros sintomas ainda antes dos 30 anos), pela frustração, mas também por uma ausência de autocuidado e um isolamento que criaram a imagem de um homem violento e amargurado.

Sinfonia n.º 8 em Fá maior, op. 93

Esta é a mais curta e possivelmente uma das mais subestimadas obras de Beethoven. Pode parecer jocosa ou pouco ambiciosa, mas é bastante experimental. Antes de se aventurar naquela que se tornaria uma sinfonia imortal, a *Nona*, Beethoven arrisca muito numa obra considerada curta – a sua sinfonia mais curta. Não há uma introdução. Não há uma dedicatória. Não há um final. Não há um andamento lento. Há quem diga que o *Allegretto scherzando* seria um *intermezzo* no lugar de um *adagio*. Mas custa-me vê-lo como tal, pois não o concebo separado do contexto e teor desta sinfonia. Aliás, no segundo andamento, as brincadeiras e usos de texturas a

que me referirei adiante quase remetem para Stravinski, mais do que para uma sinfonia do começo do período romântico.

Foi no Verão de 1812 que Beethoven compôs esta obra, altura em que escreveu a carta “À amada imortal”, um dos testemunhos mais tocantes dos períodos frequentes de frustração, autocomiseração e solidão do compositor. No entanto, para quem aprecia o vínculo emocional espelhado na obra criada, este parece ausente desta sinfonia. Ou quererá o compositor dizer que nem tudo é escuridão, mesmo quando nos sentimos miseráveis, e que é possível encontrarmos momentos inspirados e felizes até quando estamos a passar por fases piores? Talvez seja por isso que ela é tão curta e nos estimula a desfrutar de cada momento, como se nos dissesse *carpe diem*: canta, dança, ri, beija, abraça, bebe, come.

Estreada a 24 de Fevereiro 1814, em Viena, sob a direcção do próprio compositor, a 8ª Sinfonia não foi bem recebida (foi apresentada junto com a 6ª e a 7ª), ao que Beethoven terá respondido: “é porque é muito melhor do que as outras”.

O primeiro andamento segue a forma-sonata, tão regular a nível estrutural como harmónico, como acharíamos que Beethoven não voltaria a fazer. Seguimos uma pulsação ternária, com feixes de luz campestre. Apetece-nos dançar, seguir estes ritmos quase folclóricos.

O segundo andamento lembra um jogo de toca e foge, uma peça elegante e equilibrada, ao estilo do papá Haydn. Mas as notas repetidas em *staccato* pelas madeiras, fazendo lembrar um relógio, são referência não acidental: foi o metrónomo, inventado pelo seu amigo Johann Nepomuk Maelzel (1772-1838), que serviu de inspiração a Beethoven para este divertido andamento com um segundo tema surpreendente, que entra com um *fortissimo*

das cordas e nos leva momentaneamente a passear até voltarmos a encontrá-lo (ao tema e ao efeito metrónomo).

O terceiro andamento é o único minuette sinfónico de Beethoven, mas apesar de termos uma sonoridade quase imperial, baseada num tema austríaco, o compositor acrescenta um ligeiro toque folclórico, trazido sobretudo pelas flautas e metais. É uma secção alegre e melódica que nos dá vontade de dançar mas não de forma cortês, seguindo mais uma pulsação sensual do que um minuette de salão.

O *finale* apresenta-se em forma rondó, novamente lembrando a influência de Haydn e com o mesmo carácter humorístico deste, que já tínhamos ouvido no segundo andamento. O jogo musical surge com uma nota dos violinos em *pianissimo* que parece deslocada em relação ao resto do efectivo orquestral, mas que se mantém e vai ser a base de transformação tonal para um novo acorde que é tocado *fortissimo*. As mudanças tonais, que dão a ilusão de uma melodia infinita – mais de um século antes deste conceito (*klangfarbenmelodie*) ser desenvolvido por Schoenberg e Webern –, o silêncio, as pausas dramáticas e uma coda tempestuosa, que parece desproporcionada em relação ao andamento, fazem-nos perguntar em que estava Beethoven a pensar. E percebemos que esta Oitava Sinfonia, tal como não tem uma introdução, não tem uma resolução.

HELENA LOPES BRAGA, 2017

Leopold Hager

cravo e direcção musical

O maestro austríaco Leopold Hager, que celebrou o seu 80º aniversário em 2015, estudou direcção, órgão, piano, cravo e composição no Mozarteum de Salzburgo, a sua cidade natal. Depois de ocupar vários cargos em Mainz, Linz e Colónia, tornou-se Director Geral de Música em Freiburg/Breisgau, depois Maestro Principal da Orquestra do Mozarteum em Salzburgo e, até 1996, Director Musical da Orquestra Sinfónica RTL do Luxemburgo. Para além do seu trabalho intenso como maestro, entre 1992 e 2004 foi Professor de Direcção Orquestral na Universidade de Música de Viena. Entre 2005 e 2008, foi Maestro Titular da Volksoper em Viena. É Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música desde Janeiro de 2015.

Tem desenvolvido relações duradouras com a Ópera Estatal de Viena e apresenta-se frequentemente em muitas das principais casas de ópera do mundo, incluindo a Ópera Estatal da Baviera em Munique, Semperoper de Dresden, Metropolitan de Nova Iorque, Chicago Lyric Opera, Royal Opera House Covent Garden em Londres, Teatro Colón em Buenos Aires e Ópera da Bastilha em Paris. Dirigiu também na Ópera de Lyon, Teatro Nacional de Praga e Festival de Edimburgo. Nos tempos mais recentes dirigiu na Ópera Alemã de Berlim (*Rosenkavalier* e *Elektra* de Richard Strauss, e a raramente interpretada *Cassandra* de Vittorio Gnegghi) e novas encenações de *O Navio Fantasma* de Wagner na Ópera de Leipzig e de *Tristão e Isolda* na Ópera Estatal de Estugarda. Na Ópera de Lyon, juntou-se ao encenador Rolando Villazon para apresentar *Werther*

de Massenet. Dirigiu ainda duas novas produções de óperas de Mozart na Ópera de Nice.

A sua grande experiência torna-o um maestro muito requisitado, tendo dirigido as principais orquestras da Europa e EUA. A sua relação próxima com a English Chamber Orchestra está largamente documentada em várias gravações. Tem dirigido repetidamente a Filarmónica de Viena, não só em Viena, mas também em Praga e Roma.

Leopold Hager é conhecido como um defensor pioneiro da interpretação mozartiana, particularmente pelas suas apresentações em concerto, em Salzburgo, das obras cénicas de juventude até então praticamente desconhecidas, tais como *Lucio Silla*, *Apollo et Hyacinthus*, *Ascanio in Alba* ou *La Betulia liberata*. Durante a Semana Mozart de Salzburgo, em 1979, dirigiu a primeira interpretação completa de *Il sogno di Scipione*. As suas gravações destas obras com cantores de topo mantêm-se como referências na discografia. A sua extensa discografia inclui ainda todos os Concertos para piano e Árias de concerto de Mozart.

Martin Gabriel oboé

Martin Gabriel nasceu em Viena, em 1956, numa família de músicos. Estudou oboé na Universidade de Música de Viena. Depois de se diplomar com distinção, tornou-se Primeiro Oboé Assistente na Orquestra Sinfónica de Viena.

Em 1982, foi Oboé Solista na Wiener Volksoper, e desde 1983 é membro da orquestra da Wiener Staatsoper. Rapidamente passou a integrar a Orquestra Filarmónica de Viena, tornando-se Oboé Solista de ambas as orquestras em 1988. Até 2004, foi membro dos agrupamentos Wiener Virtuosen e Wiener Bläserensemble. Nesse ano fundou a Wiener Bläserphilharmonie, ensemble de sopros com o qual pretende prosseguir a tradição da mais antiga Bläservereinigung der Wiener Philharmoniker ao tocar todo o repertório para instrumentos de sopro, da *Gran Partita* de Mozart às *Serenades* de Richard Strauss e à *Serenade* de Dvořák, incluindo ainda o repertório clássico para octeto de sopros.

Entre os pontos altos da carreira de Martin Gabriel, destacam-se concertos como solista ao lado dos maestros Sándor Végh, Zubin Mehta, Riccardo Muti, Leopold Hager, Nikolaus Harnoncourt e Christoph von Dohnányi.

A sua discografia inclui o Concerto para oboé de Mozart para a Naxos, o Concerto para oboé de Richard Strauss com a Orquestra Filarmónica de Viena e André Previn para a Deutsche Grammophon e vários CDs de música de câmara com os Wiener Virtuosen.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Menezes, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Vallado-

lid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como o *Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren*
Afonso Fesch*
Radu Ungureanu
José Despujols
Vladimir Grinman
Emília Vanguelova
Maria Kagan
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Ianina Khmelik
Vadim Feldblioum
Ana Madalena Ribeiro*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
José Sentieiro
Vítor Teixeira
Jorman Hernandez*

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Emília Alves
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Francisco Moreira

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov*
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
Michal Kiska
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Sławomir Marzec
Nelson Fernandes*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves

Fagote

Gavin Hill
Pedro Miguel Silva

Trompa

Nuno Vaz*
Hugo Carneiro

Trompete

Ivan Crespo
Rui Brito

Tímpanos

Jean-François Lézé

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

AGEAS PORTUGAL

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

APDL - ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DO DOURO, LEIXÕES E VIANA DO CASTELO, S.A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S.A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPICIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA PORTUGAL

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

LUCIOS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP

O seu donativo faz a diferença

A Fundação Casa da Música, pela primeira vez em 2017, está habilitada a beneficiar de 0,5 % de IRS liquidado, bem como a receber o donativo dos contribuintes no valor correspondente a 15% do IVA suportado na aquisição de certos serviços, de acordo com a Lei dos Benefícios Fiscais. Estes donativos são da maior importância para o desenvolvimento do projecto Casa da Música, nas suas dimensões artística, cultural e social. Ao preencher o quadro 11 do Modelo 3 do IRS, pondere destinar estes valores à Fundação Casa da Música.

11 CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS/CONSIGNAÇÃO DO BENEFÍCIO DE 15% DO IVA SUPORTADO				
ENTIDADES BENEFICIÁRIAS				
Instituições religiosas (art.º 32.º, n.º 4, da Lei n.º 16/2001, de 22 de junho)	<input type="checkbox"/>		NIF	IRS IVA
Instituições particulares de solidariedade social ou pessoas colectivas de utilidade pública (art.º 32.º, n.º 6, da Lei n.º 16/2001, de 22 de junho)	<input checked="" type="checkbox"/>	1101	507636295	<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>
Pessoas colectivas de utilidade pública de fins ambientais (art.º 14.º, n.º 5 e 7, da Lei n.º 35/98, de 18 de julho)	<input type="checkbox"/>	1102		IRS <input type="checkbox"/>

